

FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário pessoal, autobiografia e fontes orais: a trajetória de Pierre Deffontaines. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.: 1998: Rio de Janeiro, RJ). **Oral history challenges for the 21st century** : proceedings [of the] X International Oral History Conference /Eds. Ilana Strozemberg...[et al]. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Casa Oswaldo Cruz, 1998 . v.1. p.379-386.

DIÁRIO PESSOAL, AUTOBIOGRAFIA E FONTES ORAIS: A TRAJETÓRIA DE PIERRE DEFFONTAINES

Marieta de Moraes Ferreira *

Introdução

O geógrafo Pierre Deffontaines foi membro de duas missões universitárias francesas¹ enviadas ao Brasil nos anos 30, que deram origem à criação dos cursos de história e geografia da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade do Distrito Federal (UDF). Trata-se portanto de alguém que desempenhou um papel relevante nas relações culturais França-Brasil.

A escolha da trajetória de Deffontaines como objeto de estudo deve-se, de maneira geral, à sua importância como professor e geógrafo, à sua atuação na construção do campo da geografia no Brasil, e principalmente ao fato de ele ter organizado ao longo da vida um arquivo pessoal extremamente relevante. O fato de ter conhecido a família Deffontaines, que me franqueou o acesso aos seus arquivos, permitiu-me localizar fontes preciosas: uma pequena autobiografia escrita no final de sua vida, e um diário, escrito por sua mulher Geneviève Deffontaines. Além de ter examinado essas duas fontes, servi-me de entrevistas orais com sua filha C. D. e seu neto M. G.

A proposta deste trabalho é discutir as características e as possibilidades de uso, para a pesquisa histórica, do diário da sra. Deffontaines e da autobiografia de Pierre Deffontaines, bem como dos depoimentos orais concedidos por seus descendentes. A idéia básica é analisar os pontos de convergência e os conflitos de

* Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e pesquisadora do CPDOC – Fundação Getúlio Vargas.

¹ As missões estrangeiras em instituições universitárias brasileiras no pós-1930 foram fatos comuns. A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (1933) e a Universidade de São Paulo (1934) podem ser mencionadas como exemplos de escolas organizadas com a ajuda de professores de fora que muitas vezes viriam a alcançar grande projeção acadêmica, como Claude Lévi-Strauss. A história dessas instituições paulistas e dessas missões estrangeiras tem sido objeto de estudo de pesquisadores tanto brasileiros como estrangeiros. No Rio de Janeiro, a Universidade do Distrito Federal e, posteriormente, a Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) da Universidade do Brasil (UB) também receberam missões universitárias no momento de sua fundação.

memória apresentados nesses três tipos de fontes, e seus significados para a compreensão da trajetória intelectual de Deffontaines.

A hipótese central que norteia a análise é a de que as três fontes revelam memórias divergentes, na medida em que as três modalidades de relato tinham objetivos diversos, foram produzidas em momentos distintos e por pessoas de gerações também diferentes: Deffontaines, sua mulher, sua filha e seu neto. Nosso objetivo será exatamente mostrar como e por que se delinearam essas memórias diferenciadas.

Quem era Pierre Deffontaines ?

Pierre Deffontaines nasceu em Limoges em 21 de fevereiro de 1894 e morreu em Paris em 5 de novembro de 1978. Desde muito cedo demonstrou interesse pela geografia e acabou por dedicar toda a sua vida ao desenvolvimento desse campo de conhecimento. Seus primeiros estudos foram, contudo, no campo do direito, em que se licenciou em 1916, em Poitiers. Em seguida mudou-se para Paris e passou a frequentar a Sorbonne, onde obteve o diploma de estudos superiores de geografia.

Nos anos seguintes, Deffontaines seguiu as etapas usuais da carreira do magistério na França: *agrégé d'histoire et géographie* em 1922, bolsista da Fundação Thiers (1922-1925), professor e diretor do Instituto de Geografia na Faculdade Católica de Lille (1925-1939), *chargé de cours* de geografia pré-histórica na Ecole d'Anthropologie de Paris. Obteve o título de doutor em geografia pela Sorbonne em 1932 e foi secretário geral da Sociedade de Geografia de Lille de 1932 a 1937.

Deffontaines iniciou seu contato com o Brasil na década de 30, fundando a cadeira de geografia na USP em 1935. Nos anos seguintes, mesmo sem se fixar de maneira definitiva no país, manteve contatos regulares com o Brasil. Foi o criador da cadeira de geografia na UDF, e aí lecionou de 1936 a 1938. Foi também um dos principais responsáveis pela criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Conselho Nacional de Geografia e da *Revista Brasileira de Geografia*. Promoveu, igualmente, a participação do Conselho Nacional de Geografia do Brasil no Comitê Internacional de Geografia.

Além de sua intensa atividade intelectual, Deffontaines era um militante católico extremamente atuante. Integrava o grupo católico de Robert Garric, professor de literatura francesa na Sorbonne e criador das *Équipes Sociales*, movimento católico voltado para os jovens, que tinha como propósito promover o intercâmbio educacional entre a “juventude intelectual e a juventude popular (...) de forma que uma possa aprender com a outra”.² Deffontaines tornou-se vice-presidente das *Équipes Sociales*, colaborador da *Revue Jeunes* e um dos fundadores da União das Três Ordens de Ensino (UTO), órgão de orientação católica voltado para o estudo de temas pedagógicos e para a divulgação desses princípios com vistas a garantir a influência católica na educação.

Deffontaines tinha entre suas metas no Brasil articular-se com os católicos brasileiros e promover a criação de congêneres das *Équipes Sociales* no país. Em artigo publicado na *Revue de Pédagogie Catholique*, intitulado “Exemples de la méthode UTO appliquée au Brésil”, refere-se à importância da missão pedagógica da qual participou, na criação da primeira Faculdade de Letras de São Paulo. Ainda nesse texto, Deffontaines ressalta a existência no Brasil de uma rede de emissoras de rádio católicas que divulgavam os princípios pedagógicos da UTO e assinala a importância desse fato para garantir a interferência católica na educação.

Em 1939, foi nomeado diretor do Instituto Francês de Barcelona (IFB). Durante a Segunda Guerra Mundial, sob o governo de Vichy, sofreu severas perseguições, tendo sido obrigado a abandonar, juntamente com sua equipe de professores, o IFB. Nesse período, organizou um novo instituto francês na Catalunha, ligado diretamente ao governo francês sediado na Argélia e que funcionou clandestinamente durante o conflito. Após a derrota do governo de Vichy, recuperou a direção do IFB.

Ao longo das décadas de 40, 50 e 60, Deffontaines participou como geógrafo de diversas missões universitárias francesas no Canadá, Israel e vários países da América Latina, onde exerceu as funções de professor de geografia. Em 1964, deixou a direção do Instituto Francês de Barcelona e em seguida foi nomeado professor de geografia na Universidade de Montpellier, onde lecionou até sua aposentadoria, em 1967.

² Citação de folheto de propaganda das *Équipes Sociales*, s/d.

Deffontaines produziu um significativo conjunto de obras, tendo contribuído especialmente para o desenvolvimento da geografia humana.

Diário, autobiografia e depoimentos orais

1 - O diário: “Livre de nos jours”

Pierre Deffontaines foi casado com Geneviève Claro Deffontaines, com quem teve quatro filhos. Mme Deffontaines é autora de um diário que relata a vida familiar e, em especial, as atividades profissionais e intelectuais de seu marido. O diário, escrito de 25 de março de 1928 a 10 de novembro de 1938 e constituído de dez volumes, recebeu o título de “Livre de nos jours”. Inicialmente escrito à mão, foi mais tarde, por iniciativa de um de seus filhos, datilografado. Várias cópias foram feitas, de maneira que cada um dos filhos pudesse guardar para si um exemplar da coleção.

O eixo central do diário é o relato da vida de Deffontaines e de sua família. Do ponto de vista temático, o diário pode ser dividido em dois núcleos básicos: o relato das atividades públicas de Pierre Deffontaines e o relato da sua vida familiar.

As atividades públicas podem, por sua vez, ser subdivididas em dois blocos: as atividades profissionais como geógrafo e a militância católica. No primeiro caso, o diário relata especialmente as conferências realizadas, as pesquisas e as excursões destinadas a produzir textos e artigos, a participação em conferências e congressos, a busca de uma vaga para tornar-se professor, as tentativas frustradas em Poitiers e Rennes, a vinda para o Brasil e a criação da cadeira de geografia na USP e depois na UDF. A volta para Paris depois da estada no Brasil e a decisão de partir para Barcelona em 1939 são também destacadas no diário. No que diz respeito à militância católica, a narrativa enfatiza especialmente o trabalho com as *Équipes Sociales*, a participação na UTO e em seus congressos anuais e, sobretudo, a rede de contatos de Deffontaines com os intelectuais católicos franceses.

O segundo núcleo do diário refere-se à vida familiar dos Deffontaines, não só da família nuclear (marido, mulher e filhos), mas também da família extensa, envolvendo mãe, sogra, cunhadas, irmãs e primos. O relato ressalta, o tempo todo, a importância da vida familiar, uma vida feliz em que o traço fundamental é a união.

A descrição da vida familiar se pauta na apresentação do cotidiano, das leituras em comum, reuniões, pequenos passeios e constantes deslocamentos entre as três residências familiares - a da rue Cassete, em Paris, a casa familiar de Cousance (Besançon) e a casa de Bouvines. Em cada um desses espaços, são descritas as festas familiares, o Natal, a festa de São José, o dia da Ascensão, quando todos se reúnem para aproveitar o convívio familiar. As citações abaixo expressam bem esse clima:

“24 de dezembro [1933]: Véspera de Natal em casa com Christiaens, algumas pessoas de sua família, a nossa, os Simon, leituras de contos antigos, Vieux Noël no fonógrafo. Christiaens lê um ato de l’Annonce faite à Marie, é realmente muito bonito. Lemos as matinas como preparação para a missa do galo, a que assistimos na pequena capela do Cenáculo. Noite simples e alegre.

25 de dezembro: NATAL: Manhã alegre com as meninas. Montagem do presépio com as figuras enviadas por Mlle Foncin, madrinha de Marie-Odile, ela pula de alegria ao descobrir os numerosos personagens. Pierre e Roger Pons os arrumam junto com elas enquanto cuida de Jean-Pierre, depois os priminhos vêm buscar os brinquedos dentro dos sapatos, depois a oração diante do presépio na casa da Vovó.

4 de janeiro de 1934: Reunião de crianças em casa, com Mamãe e Vannette, que vieram passar a semana. As crianças prepararam um presépio vivo com Jean-Pierre como o Menino Jesus, os maiores como a Virgem Maria, São José, anjos, os menores como reis magos e pastores, roupas de papel, cantaram, deram presentinhos ao Menino Jesus, lindo quadro de crianças, leite para os pais que assistem e escutam.”

A preocupação em retratar o clima de amizade, solidariedade e alegria é permanente mesmo em ocasiões comuns:

“Quinta-feira 10 de maio (dia da Ascensão): Dia delicioso em Bouvines, aproveitando a primavera e a boa reunião de família. As crianças ficaram felizes de se rever. Irão aproveitar o ar livre nos próximos dias enquanto vou a Lille preparar a bagagem e arrumar a casa, Pierre faz sua última viagem a Paris.”

Mais uma vez, a preocupação com os laços familiares, as virtudes pessoais e a alegria.

“Domingo 30 de dezembro: dia do batizado do nosso pequeno François-Noël. Mamãe, Pierre, Guite e Luc, padrinho e madrinha, vieram com Roger.

Infelizmente uma febrezinha o impede de sair. O padre Gérard o batiza no meu quarto, o que me permite assistir pela primeira vez ao batismo de um de nossos filhos confiando a Deus essa pequenina vida que nos foi confiada (é Guite, futura mamãe, quem pega o pequeno no colo). Nossa tarefa aumenta: duas meninas, dois meninos, é uma bela família. Coragem. Nós enchemos a casa até a borda.”

Uma avaliação geral dos diferentes relatos apresentados indica que o objetivo da escrita do diário era produzir um livro de exemplos que servisse de guia para os filhos e descendentes. Assim, deveriam ser valorizados princípios como a união familiar, o amor conjugal, a importância da fé católica. Nessa versão das relações familiares, são sempre enfatizados os momentos de alegria; as queixas não são nunca explicitadas, nem mesmo nos momentos em que as entrelinhas deixam perceber sentimentos de fracasso e perda.

Alguns exemplos dessas situações merecem ser citados. Quando, em 1933, Deffontaines pleiteou uma vaga como *maître de conférence* na Universidade de Rennes e foi preterido em favor de outro candidato, o assunto foi objeto de apenas uma linha:

“Ele [Pierre] foi informado definitivamente da nomeação, para a Faculdade de Rennes, de um de seus colegas.”

Ainda no mesmo ano, o diário registra a tentativa, mais uma vez malsucedida, de obter uma vaga na Universidade de Poitiers. No entanto, a questão é mencionada de passagem, sem comentários ou lamentações.

“Pierre faz as démarches necessárias, vai à Poitiers onde recebe excelente acolhida. Algumas manhãs mais tarde, nós tomamos conhecimento da nomeação de Lefèvre para Poitiers... ele venceu a batalha e as oposições à recomendação de Mouzie.”

A seguir, o diário continua como se nada tivesse acontecido.

O assunto não volta às páginas do diário até que Deffontaines, por intermédio de Garric, é chamado a vir para o Brasil para criar a cadeira de geografia na USP, em 1935. Em relação à permanência de Deffontaines em São Paulo e ao seu sucesso entre os brasileiros, Mme Deffontaines não faz economia em suas descrições:

“Recebo boas notícias de Pierre que compartilhamos, suas conferências são um verdadeiro sucesso, e ele tem uma colaboração muito interessante com seus alunos, orienta-os na direção de vários temas de estudo da geografia humana e vai

com eles aos lugares, faz excursões empolgantes à floresta virgem, às diferentes áreas de culturas japonesas, italianas, com tentativas de cultivo da uva, às grandes fazendas de café, à colheita do palmito, me manda fotos lindíssimas, é um geógrafo feliz mas um papai infeliz... muito tempo demais separado de seus filhinhos. A separação é dura, nós a oferecemos juntos ao Bom Deus reconfortando-nos com boas cartas. Pediram-lhe que traduzisse seu livro sobre “o homem e a floresta” para o português, com fotos do Brasil. Mesquita lhe disse que nenhum professor tinha dado tão certo como ele São Paulo.”

A memória da família Deffontaines, apresentada no diário, coloca algumas questões importantes para a análise.

Os diários modernos, segundo Olney (1980), são considerados formas de construção do *self*, e até meados do século XIX os homens se voltavam para a produção desse tipo de escrita muito mais do que as mulheres. O diário era visto mesmo como uma tentativa de cópia do eu que se confundia com a própria vida; era parte da identidade e da construção da pessoa, era uma obra em processo, cuja forma dependia dos rumos que a vida fosse tomando. Diferentemente do romance, que cria um mundo ficcional, e de uma autobiografia, que olha para trás a partir de um ponto fixo, o diário representa um tempo presente contínuo acompanhando uma história de vida imprevisível e imponderável.

Um outro aspecto importante para a análise dos diários é a discussão do seu caráter privado. Até o começo do século XX, os diários caracterizavam-se pelo seu caráter intimista e privado, e seu objetivo era recordar experiências, aliviar tensões, permitir o auto-exame, relatar grandes acontecimentos, exaltar qualidades e valores, estimular o aprimoramento pessoal e demonstrar capacidade de autocontrole. Já neste século é muito comum escrever diários pensando em divulgá-los ou em publicá-los, o que indica sua maior interação com a esfera pública.

Essa discussão sobre o surgimento, as características e as motivações históricas e sociais da produção dos diários nos fornece alguns elementos para analisar o diário de Mme Deffontaines.

A primeira questão que chama nossa atenção é a do diário como forma de construção do indivíduo. O diário de Mme Deffontaines, embora não seja assinado, deixa explícita a sua autoria. Contudo, o núcleo central não é a vida de sua autora, mas a trajetória de seu marido. O diário também não constitui um documento da

intimidade, e sim uma obra para ser lida pelos membros da família. Com essas características, seu objetivo não era especialmente contribuir para a construção da identidade pessoal de sua autora. A idéia era recordar experiências, relatar grandes acontecimentos da vida de Pierre Deffontaines e da família, exaltar qualidades e valores e estimular o aprimoramento moral dos filhos a partir dos exemplos dos pais.

Assim, a obra tem um caráter pedagógico e pode ser vista como um instrumento da construção do sentimento de família moderno (Ariès, 1978). Os progressos do sentimento de família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica, da existência de uma intensa vida interior. A descrição da vida quotidiana com suas dores e alegrias destinava-se à educação das crianças, que se tornaram um elemento indispensável para a constituição da família moderna numa sociedade fechada cujos membros valorizavam a intimidade da vida privada.

Pode-se perceber desde já que o diário escrito pela sra. Deffontaines apresenta alguns pontos interessantes. À primeira vista, tudo indica que a noção do diário como instrumento de construção do *self* poderia ser descartada, uma vez que o eixo organizador da narrativa não se concentra na identidade da autora e que a história desta aparece diluída, misturada com as histórias do marido e dos filhos. Contudo, acredito que possamos especular se o aprimoramento e a afirmação da identidade da sra. Deffontaines não passava exatamente pela valorização do sentimento de família. Phillippe Ariès (1978) afirma que a evolução de nossos costumes contemporâneos torna-se incompreensível se desprezamos esse prodigioso crescimento do sentimento de família, e chega mesmo a dizer que não foi o individualismo que triunfou, e sim a família moderna.

Um segundo aspecto é a questão do caráter privado ou público dos diários. No caso dos escritos da sra. Deffontaines, parece claro que eles não expressavam a intimidade de sua autora, mas também não estavam destinados à divulgação para um público mais amplo. A razão de sua existência era a família. A intenção era recuperar os grandes momentos da vida profissional de Pierra Deffontaines e da família, e usá-los para o aperfeiçoamento desta.

2 - A autobiografia de Pierre Deffontaines

Uma segunda fonte por nós consultada para acompanhar a trajetória de Pierre Deffontaines foi uma pequena autobiografia escrita e assinada por ele, com

cerca de dez páginas, produzida no final de sua vida, na sua casa de Paris, no nº 27, rue Cassete.

Neste texto, a tônica é a trajetória profissional. Relatos sobre a vida pessoal e familiar são praticamente inexistentes. Há apenas algumas pequenas menções à relação com o pai, à influência deste na opção inicial de estudar direito, à desistência dessa área, ao gosto pela geografia desde criança e, enfim, à opção definitiva por essa disciplina.

O eixo organizador do relato é a construção do conhecimento geográfico do autor. Assim, são apresentadas as diferentes etapas desse processo. Seus contatos iniciais com o geógrafo Jean Brunhes, seu interesse pela geografia humana, a seguir sua ida para Paris e seus estudos na Sorbonne sob a orientação de Albert Demangeon. Sua dupla vinculação - à Sorbonne e a Jean Brunhes, do Collège de France - não era apenas uma questão formal e institucional, mas significava também uma diferença de concepção no conhecimento da geografia. A opção de Deffontaines era seguir os ensinamentos de seu mestre Jean Brunhes na formulação de uma geografia humana ligada às causalidades religiosas e espirituais. Essa duplicidade de orientação custou caro a Deffontaines.

Já na defesa de tese, o presidente da banca, Martonne, uma das principais figuras da institucionalização da geografia na França e responsável pela criação e controle da distribuição de vagas no sistema universitário, criticou Deffontaines pelo fato de não ter mencionado no prefácio sua participação na banca. Ao mesmo tempo, surpreendia-se com os agradecimentos dirigidos a personagens que nada tinham a ver com seu trabalho, como era o caso de São Francisco de Assis.

Após a defesa da tese de doutorado, o relato indica claramente as dificuldades que Deffontaines enfrentou para obter um posto no ensino superior no Ministério da Educação Nacional. Garantir uma vaga numa universidade católica em Lille não deixou de representar um certo fracasso na carreira de Deffontaines, e isso é trazido em seu relato com uma ponta de amargura.

A saída para Deffontaines foi o Brasil, onde conseguiu um posto inicialmente na USP e depois na UDF. As etapas seguintes de sua vida científica são relatadas valorizando sempre as experiências no exterior. A América Latina foi um laboratório de pesquisa privilegiado para o geógrafo francês e responsável por grande parte de sua abundante produção acadêmica.

Nessa fase, Deffontaines valoriza também seus estudos acerca das relações entre a geografia e a religião. Sua perspectiva era valorizar o papel dos fatos religiosos; o lugar eminente que o religioso desempenha na geografia, muitas vezes superior aos fatores físicos como o clima e o solo. O resultado dessas reflexões elaboradas através de cursos e conferências acabaram por transformar-se no livro *Geografia e religião*, que não era apenas uma geografia das diversas religiões e de sua repartição, mas a defesa do fato religioso como agente geográfico e do homem como uma espécie viva essencialmente religiosa.

Trabalhar com a autobiografia de Deffontaines coloca algumas questões relevantes. Em primeiro lugar, acho que seria útil estabelecer a distinção entre diário íntimo e autobiografia.

Philippe Lejeune define a autobiografia como um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade (Lejeune, 1973). Georges Gusdorf (1987) chama a atenção igualmente para o fato de que a condição básica para o escrito autobiográfico é o sentimento da história como aventura autônoma e individual. Assim, a autobiografia pode ser vista como afirmação de identidade.

Phillipe Ariès (1974) também apresenta algumas considerações interessantes sobre o tema. O escrito autobiográfico implica uma cultura na qual o indivíduo (seja qual for sua relevância social) situe sua vida ou seu destino acima da comunidade a que pertence, na qual conceba sua vida não como uma confirmação de regras ou legados de tradição, mas como uma aventura para ser inventada. Ou ainda, uma cultura na qual importe o indivíduo durar, sobreviver na memória dos outros – o que acontece quando ele começa a viver sua morte como uma tragédia, pois a comunidade deixa de ser a garantia de toda continuidade.

A análise da autobiografia de Deffontaines à luz dos autores citados nos permite algumas observações. Em primeiro lugar, podemos dizer que a autobiografia de Deffontaines se enquadra perfeitamente na categoria de relato retrospectivo, de rememoração distante do calor dos acontecimentos, uma vez que foi escrita no fim de sua vida e tem um sentido de balanço do vivido e de afirmação de sua identidade como professor e como geógrafo. O relato de suas experiências profissionais expressa suas frustrações mas ao mesmo tempo seu desejo de situar sua vida acima de sua comunidade e de garantir a sobrevivência de sua memória.

No começo de 1939, de volta à França, mais uma vez Deffontaines tenta conseguir um posto no sistema universitário público francês, objetivo que não é atingido. Novamente a saída é o exterior e Deffontaines torna-se diretor do Instituto Francês de Barcelona. Passam-se 25 anos. No decorrer desse período, estabelece novos contatos no Canadá, onde igualmente ministrará cursos, formará novos alunos. As relações com a América Latina permanecem e intensificam-se. Em Barcelona, a ação de Deffontaines mostra-se também de grande relevância. Além de atuar no Instituto Francês, leciona no Departamento de Geografia da Universidade de Barcelona.

Nas palavras de Pierre Deffontaines, ele assim se define :

“Em resumo, sinto-me responsável por certas orientações geográficas, em primeiro lugar orientações espaciais. Fui o criador do ensino geográfico em várias universidades, inicialmente nas Faculdades Católicas de Lille, em 1925, depois no Brasil, primeiro na Universidade de São Paulo em 1934, depois em 1936 na Universidade do Rio de Janeiro, mais tarde em 1954 na Universidade de Québec no Canadá. Enfim, em Barcelona, tive como primeiros alunos no Instituto Francês aqueles que iriam ser nomeados professores de geografia do novo Departamento de Geografia da Universidade de Barcelona. Fui portanto um semeador de geografia e especialmente dessa geografia humana.”

“Para fechar este quadro da minha vida científica, devo lembrar que tenho uma mulher que foi uma verdadeira colaboradora e nós temos juntos quatro filhos e doze netos que são nossa alegria e nossa verdadeira razão de viver.”

Estranhamente, Deffontaines na sua autobiografia omite seu último posto - o de professor de geografia da Universidade de Montpellier, obtido em 1965. Do mesmo modo, sua opção pelo trabalho no exterior não recebe maiores considerações. Ao que tudo indica, o fato de ter obtido um posto na universidade pública francesa próximo de sua aposentadoria não compensou as frustrações decorrentes das diversas recusas que sofreu ao longo de sua carreira.

3 - As fontes orais

Apresentadas, em linhas gerais, as características do diário de Mme Deffontaines e do relato autobiográfico de Pierre Deffontaines, resta-nos discutir o papel dos depoimentos orais. De que modo eles contribuem para o processo de

recuperação da memória da família Deffontaines? Quais as diferenças na forma de relatar os acontecimentos da vida familiar e da vida profissional dos Deffontaines no diário, na autobiografia e nos depoimentos orais?

Um primeiro ponto a ser considerado é que os depoimentos orais apresentam uma maior informalidade ao expressarem pontos de vistas e acontecimentos que são camuflados ou silenciados nas outras formas de relato. Somente por meio dos depoimentos é que foi possível compreender a complexidade da autoria do diário de Mme Deffontaines. O depoimento de M. G. é extremamente importante, pois fornece informações acerca da interferência de Pierre Deffontaines na elaboração do diário. Ele foi não apenas o responsável pela iniciativa da sua elaboração, como também, algumas vezes, participou diretamente de sua escrita, redigindo-o a quatro mãos com a mulher.

O relato de C. D. também é interessante nesse sentido, pois enfatiza o interesse de Pierre Deffontaines no prosseguimento da elaboração do diário, bem como seu uso constante em leituras familiares para rememorar fatos e episódios passados. Era comum Deffontaines pedir à mulher que lesse em voz alta para os filhos passagens vivenciadas pelo casal ou somente por ele próprio em suas viagens pelo mundo. Esses relatos enfatizavam a grande paixão de Deffontaines pela natureza e uma curiosidade infindável pelo conhecimento dos diferentes povos e suas culturas.

O diário deveria cumprir, assim, um papel de guia pedagógico para os filhos, valorizando certas virtudes e qualidades que o ser humano deveria possuir. A adoção dessa perspectiva ajuda-nos a entender melhor uma tensão permanente que permeia os diversos volumes do diário. Um diário, em geral, tem como característica fundamental produzir um relato íntimo que, de alguma forma, expresse tristezas, decepções, sofrimentos, angústias. Seu objetivo é exprimir os sentimentos de seu autor em caráter privado e íntimo. O narrador é o eixo central da narrativa.

Ora, no caso em exame, foram os depoimentos orais que esclareceram o “enigma” do diário, cuja meta era produzir uma memória familiar que devia se tornar “pública” no seio da família e servir como guia de virtudes. Essa orientação explica o fato de o diário ter muito poucas citações de sofrimentos, tristezas e frustrações. Os depoimentos ajudam também a entender o porquê de a trajetória do narrador - Mme Deffontaines - não ser o tema central do relato e sim a vida de seu

marido, que durante todo o tempo aparece como o eixo organizador da narrativa.

Outro ponto importante que os relatos orais nos permitiram compreender e em relação ao qual lançaram luz sobre os textos escritos é a inserção de Deffontaines na vida acadêmica francesa. Através dos depoimentos, percebe-se como foi difícil e frustrante para Deffontaines lidar com a marginalização a ele imposta por seu ex-orientador Demangeon que, em todos os momentos-chave de sua carreira, não só não forneceu, como era de praxe, ajuda para a obtenção de um lugar no ensino universitário francês, como criou entraves.

As dificuldades enfrentadas para conquistar um posto no ensino público universitário francês foram um elemento central para entender a carreira de Deffontaines e determinar de forma definitiva sua atuação, voltada para o exterior: Brasil, Espanha, Canadá, América Latina. Se nos arquivos do Ministério das Relações Exteriores da França a figura de Deffontaines aparece como um grande propagador da cultura francesa no mundo, o mesmo não se verifica no Ministério da Educação Nacional, onde seu registro é pouco expressivo. Esse fato, de importância crucial, foi em grande parte silenciado no diário de Deffontaines.

Para concluir, podemos afirmar que as fontes orais foram de grande valor para deslindar impasses apresentados pelas fontes escritas, além de constituir uma forma de narrativa de memória familiar na qual os aspectos íntimos e privados lograram se expressar mais claramente.

Contardo Calligaris chama a atenção para o fato de que, na modernidade ocidental, a verdade que importa é cada vez mais a que está no sujeito, no foro íntimo do indivíduo. Nesse quadro a sinceridade se separa da verdade e se torna um valor hierarquicamente superior. Ser sincero e autêntico é um valor em si, em nada subordinado à verdade factual. A partir dessas premissas, não parece que os escritos autobiográficos ou diários sejam documentos problemáticos como fonte?

Ainda que se possa reconhecer esses limites, os diários e as autobiografias são cada vez mais valorizados como fontes para os pesquisadores.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Maria Celina Soares d'. O fio da meada do Diário de Vargas. Estudos

- Históricos nº 17, 1996.
- ARIÈS, Philippe (1978). História social da criança e da família – Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- _____ (1974). Western attitudes towards death. Baltimore, John Hopkins University Press.
- BARBOSA, Rosângela Carvalho. O projeto da UDF e a formação de intelectuais na década de 30. IFCS, Rio de Janeiro, 1996. (tese de mestrado)
- CAPELLATO, Maria Helena, et Coelho, Maria Lygia Prado. À l'origine de la collaboration franco-brésilienne: une mission française à la Faculté de Philosophie de São Paulo. Prefaces, 1989.
- BROC, Numa. Les seductions de la nouvelle geographie. In: Carbonell, Charles – Olivier et Georges Livet (dir.). Au berceau des Annales. Le milieu strasbourgeois, l'histoire en France au début du XX ième siècle. Actes du Colloque de Strasbourg, 1979, p. 247-263
- CHARLE, Christophe - La République des Universitaires – 1870-1940. Paris, Seuil, 1989.
- CULLEY, Margo (ed) 1985). A day at a time: the diary literature of American women from 1764 to the present. New York, the Feminist Press.
- FEBVRE, Lucien – “Lui aussi, Albert Demangeon” Annales – Jan-Juin III année, 1941. Paris, p. 85-89.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Os professores franceses e a criação dos cursos de história no Rio de Janeiro. Texto apresentado no Seminário Brasil Contemporâneo na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Junho 1997, Paris.
- GUSDORF, Georges, 1987 – Conditions and limits of autobiographie, in Olney J. (ed) Autobiographie; essays theoretical and critical
- KEYLOR, Willian. Academy and Community – the foudation of the historical Profession, Cambridge, Massachusetts, Havard University Press, 1975.
- LEJEUNE, Phillipe, 1971 – L'autobiographie en France. Paris, A. Colin.
- OLNEY, James. Autobiographie: essays theorétique and critical: Havard Univeristy Press, 1987.